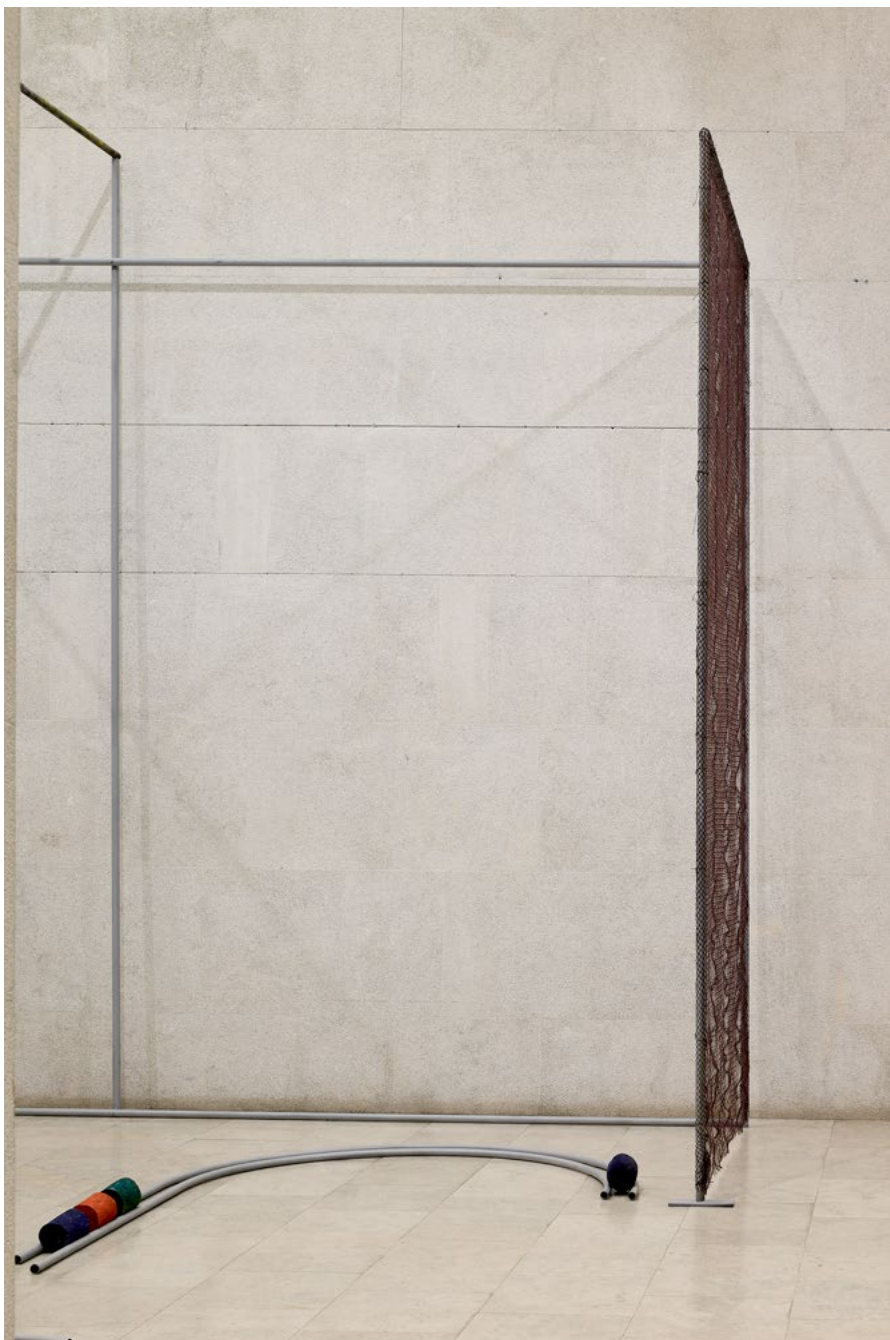


*Fundação
Ayad Szeneo
Vieira da Silva*

MASVS

PRESS KIT • 03.2026



Sara&André, *Atelier, Lisbonne* © Vasco Célio / Stills

1º CICLO EXPOSITIVO

Em 2026, o Museu Arpad Szenes – Vieira da Silva inaugura um novo ciclo expositivo que assinala uma mudança de paradigma no modo de habitar o espaço e de pensar a programação. Não se tratando da separação entre coleção permanente e exposições individuais, nem da lógica contínua de grandes projetos recentes, apresenta-se como um organismo uno, articulado em núcleos e intervenções. As obras aproximam-se, contaminam-se, ecoam entre si, deixando de existir como territórios separados para se tornarem campos de confluência. Entre pintura e escultura, desenha-se um programa que privilegia o olhar e a experiência íntima do visitante.

Inaugurado a 10 de fevereiro, este ciclo integra uma programação anual que se estrutura em três momentos quadrimestrais, propondo leituras aprofundadas da coleção de Vieira da Silva e Arpad Szenes, em diálogo com projetos individuais de diferentes gerações. Ossaturas em esboço, processos, tentativas, desvios; a natureza-morta, a escala média e o trabalho de detalhe tornam-se lugares de experimentação em que a matéria se aproxima do corpo, um núcleo intitulado Arpad Szenes e Vieira da Silva: núcleos da coleção.

No primeiro ciclo, a apresentação diacrónica de obras fundamentais da coleção convive com as propostas escultóricas de Rui Sanches e Teresa Segurado Pavão (*Ensaios em Imobilidade e Movimento Secreto*), a fisicalidade arquitetónica de Frida Baranek (*Desafios/Defiances*) com as peças cerâmicas de Vasco Futscher (*Broken Mile*) que oscilam entre vestígio arqueológico, objeto quotidiano e pintura expandida. Também as obras de Sara & André (*Atelier, Lisbonne*, na imagem à esquerda) e de Francisco Janes (*Em Projeção – Mira Rio / Regada / Visão Solar*), artistas integrantes da programação anterior, admitem desaguar no novo ciclo em jeito de continuidade necessária à leitura das restantes obras. Todos estes trabalhos, uns mais próximos da coleção permanente, outros deliberadamente mais autónomos, aprofundam a ambiguidade entre superfície e volume, suspensão e peso, sugerindo novas formas de ver e de percorrer o Museu — que este ano revela uma nova sala, a Antecâmara, que pressagia uma extensão natural do espaço expositivo.





Frida Baranek, *Desafios/Defiances* © Vasco Célio / Stills

O PROGRAMA EXPOSITIVO

Arpad Szenes e Vieira da Silva: núcleos da coleção

A apresentação da coleção tem como primordial objetivo mostrar obras fulcrais no percurso de ambos os artistas mediante uma leitura diacrónica e, por vezes, temática, que convida os visitantes do Museu a uma participação ativa e distendida no tempo, apreendendo as constantes e as inflexões destas duas importantes e singulares obras.

Desenhos Anatômicos

de Vieira da Silva

Entre 1919 e 1927, antes de ir viver para Paris para prosseguir e completar a sua educação artística, Vieira da Silva estudou desenho, pintura e modelagem, para além de ter tido uma educação musical continuada e de se ter tornado numa competente pianista.

O amplo conjunto de desenhos anatómicos, realizados por Vieira da Silva entre 1926 e 1927, nas aulas de anatomia do Professor Henrique Vilhena, na Faculdade de Medicina de Lisboa, representam as primeiras obras relevantes no percurso da artista. Esta dissecação gráfica compreende diferentes ossos representados individualmente ou estruturas ósseas, assim como músculos, tendões e tecidos de diferentes partes do corpo humano. São representações minuciosas e rigorosas que, em alguns casos, alcançam, pela sua sensibilidade e refinamento, a aura de desenhos renascentistas. Conhecer detalhadamente o interior do corpo humano viria a revelar-se, para a jovem artista, de extrema importância na formação do seu imaginário pictórico. Não é por acaso que às suas primeiras composições pictóricas abstratas, como *Atelier, Lisbonne* (1934-1935) e *Composition* (1936), ambas pertencentes ao espólio do MASVS, chamou “ossaturas espaciais”. Como se estes primeiros desenhos dedicados ao conhecimento do corpo humano, fossem, na realidade, estudos para a obra em pintura por vir, para estruturar uma visão do mundo e ordenar um espaço reconhecivelmente seu.



Desenhos (Vieira deitada, mãos, corpos e um retrato)

de Arpad Szenes e Vieira da Silva

“Para mim, o desenho está na origem do mundo. (...) Em 1928, Vieira apareceu na (Academia de Arte da) Grande Chaumière. O desenho foi o pretexto do nosso encontro: foi ele que nos reuniu. Ela gostava os meus desenhos. Desde os primeiros dias, comecei a desenhá-la (...) desenhei-a ainda e depois, e continuei até 1956-58.”

As palavras de Arpad Szenes descrevem, a justo título, o desenho não somente nem sobretudo como uma forma de representar o real tal como o vemos, mas como um modo relacional, uma forma de relação com o mundo e com o outro. O desenho revela tanto a coisa desenhada como o próprio desenhador, isto é, o exterior e o interior, dando corpo à subjetividade e produzindo individualidade. Arpad desenhou Vieira ao longo de vários anos e, em vários deles, fixou momentos de intimidade e de ócio, passagens efêmeras que quase nunca chegam à visibilidade pública.

Arpad desenha Vieira deitada, em repouso, como que em suspensão, a ler, a meditar ou a dormir. Se alguns são serenos, outros parecem mais inquietos, ou inquietantes. O sono é companheiro do inconsciente e o inconsciente faz emergir visões e fantasmas. É, manifestamente, esse estado de passagem, entre consciente e inconsciente, a vida e a morte, a memória e o esquecimento, em que parecemos despossuídos do corpo, que interessa a Arpad.

São apresentados, ainda, outros desenhos da coleção do Museu, realizados por ambos os artistas no período em que estiveram exilados no Rio de Janeiro, no Brasil, durante a Segunda Grande Guerra, representando mãos (Arpad e Vieira) e corpos de naufragos ou vítimas da guerra (Vieira).



Vista da Exposição © Vasco Célio / Stills

Pinturas sobre Papel

de Vieira da Silva

Foi reunido um conjunto de pinturas a guache ou a óleo sobre papel, realizadas durante os primeiros anos da década de 1930 e, mais tarde, em 1937. Trata-se de um conjunto de trabalhos do período inicial do percurso da artista em que o olhar infinitamente curioso de Vieira se detém sobre aspetos, vistas, estruturas, paisagens, grupos de pessoas e arquiteturas, empreendendo, a partir desses motivos, uma pesquisa visual que, mais do que procurar fixar um estilo, intenta construir uma visão do mundo, um imaginário e um espaço pictórico. Nos primeiros anos do seu percurso, a jovem artista tudo quer absorver. Olha atentamente para a obra de artistas consagrados, sendo influenciada por eles, deixa-se inspirar pelas coisas à sua volta.

Em 1930, depois de se casarem em Paris, Vieira da Silva e Arpad Szenes viajam para a Transilvânia para Vieira conhecer a família do seu companheiro. Durante três meses, trabalham incansavelmente e Vieira realiza um notável conjunto de pinturas sobre papel em que documenta festas, feiras, retrata várias pessoas, pinta interiores de casas e misteriosas, para não dizer utópicas, estruturas arquitetónicas. Nestes trabalhos, a presença da música, tão importante na sua vida quotidiana e na sua formação artística, é, através da matéria pictórica, tornada palpável. Representações de violoncelistas ou violinistas são incorporadas em estranhos monumentos que se assemelham a torres ou a enormes metrónomos.

Como muitos outros artistas, músicos ou poetas da sua geração, Vieira foi sensível e ativa defensora dos ideias democráticos e das liberdades individuais. Os quatro guaches de 1937, realizados em Paris, sob o título *No passarán!* — slogan adotado pelos republicanos contra os franquistas na Guerra Civil de Espanha, que decorreu entre 1936 e 1939, e que perdurou no tempo como símbolo da resistência e da luta contra o regresso histórico dos fascismos —, são estudos para a realização de cenários para uma peça de teatro popular da autoria do ativista, dramaturgo e ator espanhol Luis Mussot Flores e resultam de um pedido de António Moreno, um electricista espanhol que fundou uma companhia teatral amadora nos arredores de Paris.



Vista da Exposição; Vasco Futscher, *Broken Mile* © Vasco Célio / Stills

Broken Mile

de Vasco Futscher

A obra em cerâmica de Vasco Futscher é tão devedora da pintura como da escultura. Formado em artes plásticas pelo Ar.Co — Centro de Arte e Comunicação Visual, tem centrado o seu trabalho artístico na cerâmica, através de uma prática baseada na pesquisa e na experimentação, entre disciplina e indisciplina, cruzando tradições vernaculares e eruditas, e interessando-se por pormenores construtivos ou decorativos aplicados na arquitetura, por vezes rasteiros, acessórios e pouco dignos de atenção.

As esculturas de Futscher, quase-pinturas, ou pinturas que conquistam o espaço, vivem entre as artes da construção e as artes decorativas, o brutalismo e a graça, o folclórico e o minimal, o modernismo e o vernacular, uma geometria imperfeita em que a cor tanto se afaz à forma como marca o ritmo, o tempo do olhar, o desejo da mão: unidas por uma lógica construtiva, umas dialogam mais com a (história da) pintura, outras remetem para a experiência da arquitectura, a vivência do espaço urbano.

As peças apresentadas foram produzidas através do processo de produção industrial em série conhecido por extrusão, que se caracteriza pela submissão de determinado material a uma determinada matriz para moldar uma forma contínua e uniforme. Este processo é comumente utilizado na produção industrial, de média ou pequena escala, nomeadamente, mas não somente, na produção de materiais ou formas tradicionalmente aplicados na construção civil.

De facto, nestas peças é imanente uma das características mais notórias no trabalho de Vasco Futscher, a tensão entre a presença da manualidade e a aspiração à série, isto é, à repetição. Pousadas no chão, como se fossem fragmentos de uma linha interrompida, falsas irmãs, estas peças — dir-se-ia despojos de arqueologia industrial —, desvelam uma aura escultórica ou pictórica, uma densidade temporal, como se lhes tivesse sido acordada uma segunda vida.





Vasco Futscher

Vasco Futscher (Lisboa, 1987)

O trabalho de Vasco Futscher, nomeadamente a obra em cerâmica que tem vindo a desenvolver desde 2010, caracteriza-se por um olhar sintético sobre várias tradições que não se costumam cruzar. Associando elementos de arquitetura, referências pictóricas que percorrem a história de arte e das artes decorativas, assim como um interesse profundo por elementos “banais”, procura oferecer objetos híbridos que recusam ser categorizados.

Das exposições individuais, destacam-se “*Volte Face*” (2024, Ar.Co), “*Gifts*” (com Rebecca Watson Horn, *Figura Avulsa*, 2024), “*Rien ne Va Plus*” (com Jorge Nesbitt, 2024, Brotéria), “*Contrato Promessa*” (2021, Kubik Gallery), “*Anjo Solidão*” (com Gabriel Ferrandini, 2021, BoCA), “*String Theories*” (com Carmo Posser 2020, A Montanha), “*Masks, Tablets and Loose Birds*” (2019, Annex14, Zurique), “*Cousins Germains*” (2018, Instituto Camões, LUX), “*Manual de Instruções I & II*” (2017, Módulo e FASVS), “*Coda*” (2015, A Montra) e “*Cerâmicas*” (2014, Módulo).

Das exposições coletivas, destacam-se “*The exhibition is ongoing and open to permutations*” (2022, PT), “*Triângulo*” (2021, PT), “*The Pathfinders*” (2019, PT), “*Segunda Categoria*” (2017, PT), “*Portugal, Portugueses, Museu Afro-Brasil*” (2016, BR), “*Prémio Fundação EDP Novos Artistas 2015*”, no MAAT, e “*À Maneira do Ar.Co.*” na Galeria João Esteves de Oliveira (2012). Ao percurso artístico junta uma atividade pedagógica desde 2014.

É atualmente responsável pelo departamento de Cerâmica no Ar.Co. É licenciado em Economia pela Universidade Nova de Lisboa (2009) e completou a sua formação artística no Ar.Co, primeiro em artes plásticas (2010) e depois em cerâmica (2013).



Frida Baranek, *Desafios/Defiances* © Vasco Célio / Stills

Desafios/Defiances

de Frida Baranek

Frida Baranek é uma escultora cujo percurso despontou no início da década de 1980, no seio de uma geração que recuperou a integridade e a potência das disciplinas artísticas tradicionais. Com formação em arquitetura e em escultura, as suas obras oscilam entre a pequena e a grande escala, o uso de materiais industriais e de matérias mais delicadas como o papel, o têxtil ou pigmentos vegetais.

As peças apresentadas nesta exposição cindem-se em dois grupos: as de chão e as de parede. São peças de média escala que fazem dialogar diferentes materiais — o vidro e a madeira ou o ferro, a madeira e o acrílico; a pedra (mármore ou alabastro), tubo e fio de aço inox, respetivamente. Se as peças de parede existem numa espécie de condição ambígua — entre a bidimensionalidade e a tridimensionalidade —, as peças pousadas no chão, que, por força da gravidade, imediatamente identificamos como escultura, constituem-se como um vocabulário de formas que se relacionam entre si através de jogos de variações e combinações aleatórias, alternando ritmos e dinâmicas, quase de forma musical.

De um certo modo, todas as peças pedem ao espectador que se molde à poética dos materiais, sejam eles fabricados, sejam eles colhidos, pedidos de empréstimo à natureza. É intemporal o fascínio que acordamos às formas, às cores e aos padrões de determinadas pedras, ou aos veios de determinadas madeiras. Não menos fascinante é a transparência do vidro ou de outros materiais como o acrílico ou o plexiglas. Transportam com eles a propriedade de se deixarem atravessar pelo olhar e de estimularem a imaginação do espectador.

Para citar Roger Caillois, poeta e inveterado recolector de pedras, «pour moi l'imagination n'est rien de plus qu'un prolongement de la matière, je pense que la poésie n'est pas un phénomène purement humain et qu'elle n'est pas un phénomène dû au seul langage. Si, maintenant, je ne m'occupe plus que de décrire des pierres, c'est pour montrer qu'à l'intérieur de ces pierres, et dans la façon dont elles trouvent leur forme, il y a des espèces de réduction, de miniaturisation, de toutes les choses qui sont au monde”.



Frida Baranek, *Desafios/Defiances* © Vasco Célio / Stills



Frida Baranek

Frida Baranek (Rio de Janeiro, 1961)

Artista plástica atualmente radicada em Portugal, Baranek trabalha predominantemente com escultura. Utiliza frequentemente materiais industrializados, muitas vezes oxidados, em contraste com elementos naturais.

Frida estudou escultura na Escola de Artes Visuais do Parque Lage e no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, licenciou-se em Arquitetura na Universidade Santa Úrsula, no Rio de Janeiro (1984) e concluiu o mestrado em Design Industrial na Central Saint Martins, em Londres (2012).

Em 2013, foi-lhe dedicada uma exposição retrospectiva no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, intitulada “*Confrontos*”. O seu trabalho foi incluído na Bienal de São Paulo (1989), na Bienal de Veneza – Aperto (1990), no MoMA de Nova Iorque (1993), na Maison d’Amérique Latine (1995), no Museu Ludwig em Koblenz (2005) e no The Frost Art Museum (2018), entre muitas outras instituições.

As suas obras integram inúmeras coleções públicas e privadas: Blanton Museum of Art, Austin, Texas; National Museum of Women in the Arts, Washington, D.C.; Ministère de la Culture – Fonds National d’Art Contemporain, França; e os Museus de Arte Moderna do Rio de Janeiro e de São Paulo. Em 2018, foi nomeada pelo Frost Art Museum, em Miami, e pelo Smithsonian Institute para o programa “*Women Who Make History*”, no âmbito do 14.º Annual Smithsonian Museum Magazine Day. Mais recentemente, em 2019, recebeu uma bolsa de escultura da Joan Mitchell Foundation.



Rui Sanches e Teresa Segurado Pavão, *Ensaio em Imobilidade e Movimento Secreto* © Vasco Célio / Stills

Ensaio em Imobilidade e Movimento Secreto

de Rui Sanches e Teresa Segurado Pavão

Numa parceria inédita e provavelmente irrepetível, Teresa Segurado Pavão e Rui Sanches conceberam e realizaram um conjunto de esculturas de parede que articulam estruturas em madeira e peças em cerâmica. Estas esculturas são o cruzamento das materialidades, das linguagens e das disciplinas que cada um dos artistas desenvolve nos trabalhos de autoria individual.

Partindo da tradição do género da natureza-morta, em voga na arte ocidental desde os alvares do século XVII, estas esculturas de parede são exercícios formais de escala, de dinâmica espacial, de fluidez formal, mas, sobretudo, de diálogo ou conversa baseados em modos de comunicação silenciosa, gestos de atenção repetidos quotidianamente, rituais de encontro de dois corpos na presença ou na ausência. Altares ou sacrários. São peças em que a autoria, conquanto reconhecível, se esbate em prol de uma causa maior (ou menor), peças construídas como vasos comunicantes, por contraste e afeição material, num diálogo de luz e sombras, de som e de silêncios. A mesa, omnipresente em qualquer ensaio de natureza-morta, estabelece, simultaneamente, uma linha (de horizonte) e um plano (de continuidade e de ancoragem) para os objetos e para os corpos que os olham e os desejam.

Fugaz, efémera, transitória, a vida sobre a terra é uma passagem que se cultiva, que se cura, que se molda com as mãos e com o tempo (esse grande escultor).

Rui Sanches (Lisboa, 1954)

Artista plástico, Rui Sanches estudou no Ar.Co – Centro de Arte e Comunicação Visual, recebeu o BA pelo Goldsmiths College, Londres (1980), o MFA pela Yale University, New Haven (1982) e o Doutoramento pela Universidade do Algarve (2017). Em 2008 foi-lhe atribuído o Prémio AICA/Ministério da Cultura.

Realizou mais de quarenta exposições individuais, das quais se destacam a exposição retrospectiva no CAM da Fundação Calouste Gulbenkian (2001), a exposição “*MUSEUM*”





Teresa Segurado Pavão e Rui Sanches

no Museu Nacional de Arte Antiga (2008), “*Dentro do Desenho*” na Fundação Carmona e Costa (2014) e “*Espelho/Mirror*” no Torreão Nascente da Cordoaria Nacional (2020). Participou em dezenas de exposições coletivas, em Portugal e no estrangeiro.

O seu trabalho está representado nas principais coleções públicas portuguesas e em várias coleções estrangeiras, nomeadamente: CAM Gulbenkian; Museu de Serralves; Museum Van Hedendaagse Kunst Antwerp; Museo Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporáneo, Badajoz; Fundação EDP; Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento; Coleção da Caixa Geral de Depósitos; MUDAS – Museu de Arte Contemporânea da Madeira; Fundação Leal Rios; Coleção Berardo e Coleção António Cachola. Tem diversas obras em espaços públicos, nomeadamente a Colunata na Assembleia da República e o monumento a Maria José Nogueira Pinto, em Lisboa, e esculturas em Santo Tirso e Alcobendas (Espanha), São Pedro do Sul e Universidade do Algarve.

Teresa Segurado Pavão (Lisboa, 1957)

Artista plástica, Teresa Segurado Pavão fez o curso da Escola António Arroio e o curso de cerâmica do IADE. Frequentou o atelier de Tapeçaria de Gisela Santi e os departamentos de Desenho, Pintura e Joalheria do Ar.Co. Leciona cursos de Cerâmica e Têxtil e criou a TP (Loja de Autor) em Lisboa (2004-2018). Participou em várias exposições coletivas em Portugal e no estrangeiro.

Entre as suas exposições individuais destacam-se: “*Terra Branca*” (2023), Galeria Neupergama, Torres Novas; “*Às vezes ponho-me a olhar para uma pedra*” (2022), MNAA - Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa; “*Mare Ossos Tellus*” (2022), Museu Nacional do Azulejo, Lisboa; “*Fio de Ariadne*” (2022), Galeria Bessa Pereira, Lisboa; “*Estrada Branca*” (2021), Casa-Museu Anastácio Gonçalves, Lisboa; “*A quatro mãos*” (2021), Convento dos Capuchos, Almada; “*A Estratégia da Aranha*” (2019), Casa Atelier da Fundação Arpad Szenes – Vieira da Silva, Lisboa. Encontra-se representada em coleções privadas e institucionais, nacionais e internacionais, das quais se destacam: Fundação Carmona e Costa, Museu Nacional do Azulejo, MUDE – Museu do Design e da Moda e Museu Nacional do Traje.



Nuno Faria. Foto © Vasco Célio / Stills

Nuno Faria

Nasceu em Lisboa em 1971.

É professor na Escola Superior de Design das Caldas da Rainha.

Trabalhou no Instituto de Arte Contemporânea do Ministério da Cultura de Portugal (1997-2003) e na Fundação Calouste Gulbenkian (2003-2009).

Viveu e trabalhou no Algarve entre 2007 e 2012, onde fundou (em Loulé, em 2009) o projecto Mobilehome - Escola de Arte Nómada, Experimental e Independente.

Em 2012-2013 foi-lhe atribuído o Prémio de Crítica e Ensaística de Arte e Arquitectura AICA/Fundação Carmona e Costa.

Foi diretor artístico do Centro Internacional das Artes José de Guimarães, em Guimarães (2013-2019) e do Museu da Cidade do Porto (2019-2022).

Ao longo de 20 anos, como curador, trabalhou com artistas de várias gerações, portugueses e estrangeiros, em contexto institucional e independente, em localizações centrais e mais periféricas, em Portugal e no estrangeiro.

Em 2024 foi nomeado director do Museu Arpad Szenes — Vieira da Silva, em Lisboa.

Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva

MUSEU ARPAD SZENES
VIEIRA DA SILVA

Morada

Museu Arpad Szenes – Vieira da Silva
Praça das Amoreiras, 56
1250-020 Lisboa

Site

<https://www.fasvs.pt>

Instagram

@museuarpadszenesvieiradasilva

Bilheteira

Bilhete: 7,50 €

Bilhete reduzido: 4,00 €

Cartão de professor, Sénior +65 anos, Lisboa Card.

Entrada gratuita:

Residentes em Lisboa, jovens até aos 25 anos de idade, aos Domingos, Cartão Círculo Vieira & Arpad, acompanhante de pessoa com deficiência ou mobilidade condicionada, desempregados, membro ICOM, APOM, ICOMOS, AICA e Carteira de Jornalista.

Horários

Segunda-feira: Encerrada

Terça – domingo: 10h00 – 18h00

Acessibilidade

O museu está preparado para pessoas com mobilidade reduzida, dispondo de rampas de acesso e elevador.

Como chegar

Automóvel

Zona central de Lisboa: Jardim das Amoreiras

Estacionamento pago disponível na rua

Transportes públicos

Metro: saída na estação do Rato

Autocarro/Elétrico: 19B, 706, 709, 720, 727, 738, 758 (paragem: Rato); 713, 774 e 24E (paragem: Jardim Amoreiras)

Assessoria de Imprensa | O Apartamento

Vasco Águas

vascoaguas@oapartamento.com

+351 964 869 001

[Download press kit](#)